Caminho da Ilha

Florianópolis - SC

ACACSC

ACACSC

Associação Catarinense dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela

Florianópolis, a capital do Estado de Santa Catarina, é formada por uma ilha oceânica, a Ilha de Santa Catarina, a maior de um arquipélago de mais de 30 ilhas e ilhotas e uma península continental que abrange sete bairros: Estreito, Jardim Atlântico, Balneário, Coqueiros, Abraão, Bom Abrigo e Capoeiras.

Cidade cosmopolita, conhecida por seu parque tecnológico e de serviços, com uma centena de praias, turismo de lazer, esporte e negócios, conserva uma bela paisagem que cativa o visitante já na sua chegada. Possui ainda um patrimônio histórico-cultural significativo.

Os traços históricos no cotidiano urbano são visíveis na arquitetura na área central e no interior da Ilha, que apresenta conjuntos de exemplares de casas singelas, igrejas, com partido arquitetônico do século XVIII, marcante concepção luso-brasileira, o traçado das ruas, em plena harmonia com o moderno.

Panorâmica de Florianópolis

Inscrição Rupestre no Costão do Santinho

A Ilha de Santa Catarina

Pesquisadores afirmam que a ocupação humana está presente na Ilha de Santa Catarina há pelo menos 5.000 anos, onde testemunhos são visíveis, como os sambaquis presentes na Ponta das Almas, na Lagoa da Conceição e artes rupestres, principalmente, na Barra da Lagoa, Costão do Santinho e ilha do Campeche. A Ilha recebeu vários nomes Meimbipe, Y-Jurerê-Mirim, Ilha dos Patos e Ilha de Santa Catarina, este último, possivelmente atribuído pelo navegador Sebastião Caboto, em 1526.

No ano de 1662, chegou à Ilha de Santa Catarina o bandeirante paulista Francisco Dias Velho, acompanhado da família, dois padres jesuítas, índios e negros alojando-se, possivelmente, na parte central. Não se sabe ao certo o ano em que Dias Velho iniciou o povoamento da Ilha, entretanto, aponta-se o dia 23 de março de 1673 como póvoa Nossa Senhora do Desterro. Diante deste fato, o bandeirante solicitou a construção de uma capela, construída de pedra e cal em 1678. A Paróquia foi criada em 5 de março de 1712 e, no mesmo ato, Desterro foi elevada à categoria de Freguesia. Em 25 de setembro de 1747 José da Silva Paes, governador da Província escreveu ao rei de Portugal solicitando a construção de uma nova igreja da qual ele, engenheiro militar, foi o autor do projeto. A construção foi iniciada em 1753 e concluída em 1773, tendo como padroeira Santa Catarina de Alexandria.

Em 1908, a Matriz foi elevada à condição de Sé Episcopal (Catedral) e em 1922, ocorreu uma reforma significativa, a maior delas, dando-lhe a configuração que tem na atualidade. Segundo a arquiteta e pesquisadora Eliane Veras da Veiga, “preserva a portada original e no interior, o arco cruzeiro em cantaria, a elaborada porta de madeira da Capela de Nossa Senhora das Dores e os sete altares, onde predominam as linhas neoclássicas e possui um expressivo acervo de arte sacra, a escultura “Fuga para o Egito”**,** talhada no Tirol, Áustria, pelo artista Ferdinand Demetz, em dois blocos de cedro, no tamanho natural”.

Catedral Metropolitana de Florianópolis

Fazem parte, ainda, do acervo um órgão de tubos alemão (1924), o carrilhão principal, com cinco sinos alemães (1922), e os vitrais confeccionados em São Paulo (1949). Agrega-se a coleção uma imagem de São Tiago esculpida em madeira de cedro, obra do catarinense Werner Thaler (2018) e um vitral executado pelo profissional, dedicado a vidraria artística, Roberto Petrelli (2018), carioca de nascimento e radicado em Florianópolis. Seu trabalho teve a parceria da artista plástica Jandira Lorenz que criou o desenho. As obras foram doadas no dia 25 de julho, dia de São Tiago, do mesmo ano, pela Associação Catarinense dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela em comemoração aos seus 20 anos de fundação.

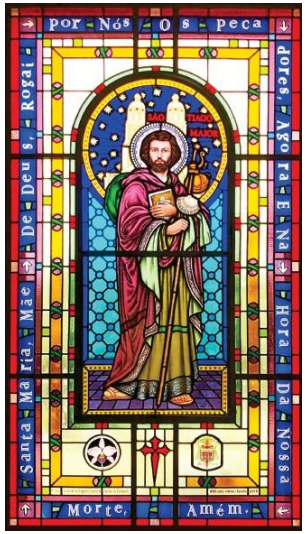
A Catedral Metropolitana de Florianópolis é patrimônio tombado pelo Estado e Município.

Além da construção das obras religiosas, para manter a posse da terra e protegê-la contra invasões estrangeiras, foram construídas fortalezas pelo Brigadeiro português José da Silva Paes, a partir de 1739. A fortaleza de Santa Cruz localizada na Ilha de Anhatomirim, tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje pertence ao município de Governador Celso Ramos. Foi a principal fortificação do Sistema Defensivo da Ilha de Santa Catarina, seguida pelas fortalezas de São José da Ponta Grossa e Santo Antônio de Ratones.

Com o intuito de solidificar a posse da terra, em 09 de agosto de 1747, o Conselho Ultramarino Português lançou um Edital estabelecendo as condições para a fixação de colonos açorianos e madeirenses na Ilha de Santa Catarina. A atitude é reflexo das tentativas já realizadas pelo Frei Agostinho da Trindade (1728) e depois pelo Brigadeiro José da Silva Paes em 1738. Somente em 1748 chega à primeira leva de imigrantes, 60 casais, assentados na Vila do Desterro, na rua até hoje chamada “dos Ilhéus” e ao longo da praia. Foi somente em 1749, com a chegada da segunda leva de colonos, que o governador da Província, Manuel Escudeiro, iniciou a urbanização e a formação das primeiras Freguesias no interior da Ilha. Surgem as Freguesias do Ribeirão da Ilha (1749), Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1750) e Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa (1752), distribuídos estrategicamente em diferentes freguesias do Desterro e, posteriormente, ao continente fronteiriço, São José da Terra Firme e São Miguel da Terra Firme (1750).

Em 1823, Desterro tornou-se capital da Província e em 1894, passou a denominar-se Florianópolis. Devido à sua posição estratégica entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, Nossa Senhora do Desterro não demorou a se destacar nas atividades portuárias que permitiram ao comércio florescer ao redor do porto, favorecendo a criação do primeiro Mercado Público, ampliado em 1931 e a Casa da Alfândega.

Imagem de São Tiago em cedro doada à Catedral pela ACACSC.



Vitral doado à Catedral pela ACACSC

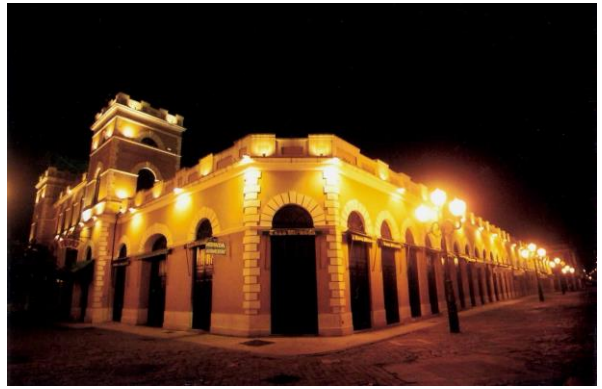
Casa da Alfândega

Em 1926 Desterro recebe uma importante obra de engenharia, a Ponte Hercílio Luz, que se caracteriza num imponente exemplar da arquitetura em ferro, para a época. A construção proporciona à população uma maior segurança na travessia Ilha-Continente, contribuindo com o desenvolvimento da Capital. Em 2019, após alguns anos interditada para reforma, a “velha senhora” assim denominada, foi entregue a população num novo formato de uso, onde aos sábados, domingos e feriados, torna-se um passeio público aproximando a população do monumento e da paisagem.

Ponte Hercílio Luz

No século XX a paisagem do centro da capital transformou-se através dos aterros das baías Norte (década de 1960) e Sul (década de 1970), motivo pelo qual o Mercado Público um importante exemplar histórico-cultural que reúne artistas, intelectuais, artesões, boêmios, visitantes e turistas, deixou de ser banhado pelas águas do mar, permitindo, porém, a construção das pontes Colombo Salles (1975) e Pedro Ivo Campos (1991), proporcionando uma nova dinâmica à cidade.

Por suas belezas naturais, Florianópolis é visitada por empreendedores e turistas nacionais e estrangeiros em busca de negócios, turismo e lazer. Muitas famílias e empresas se estabelecem na busca de uma melhor qualidade de vida, pois sua modernidade convive harmoniosamente com a placidez das comunidades de seu “interior”.



Mercado Público

Na religiosidade possui expressões com registro no Patrimônio Imaterial: a Procissão do Senhor Jesus dos Passos, onde possui milhares de devotos e seu ritual ocorre na Semana Santa e as Festas do Divino Espírito Santo, que ocorre de maio ao mês de setembro, com festejos em quase todas as Freguesias da Ilha.

As bruxas e o boitatá fazem parte do imaginário ilhéu. Quem vive nesta terra guardam histórias repassadas de geração em geração e bem contadas pelo pesquisador da cultura popular Franklin Cascaes,

O patrimônio cultural arqueológico e edificado pode ser apreciado nas oficinas líticas e arte rupestre, arquitetura religiosa e civil, arte sacra e manifestações da cultura popular.

Atualmente, a cidade é conhecida por ter uma elevada qualidade de vida, sendo a capital brasileira com maior pontuação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O “pedacinho de terra perdido no mar”, cantado em verso e prosa pelo poeta Zininho para além de empreendedora e competitiva no turismo e serviços, tornou-se um polo tecnológico respeitado, conhecido como “Ilha do Silício”.

Pontes
Colombo Salles
e
Pedro Ivo

e ao longe a Ponte
Hercílio Luz

Avenida Beiramar Norte

Veleiro presente na paisagem

Esporte Náutico na Ilha

Scuna para passeios na Ilha

Museu Cruz e Souza – antigo Palácio do Governo

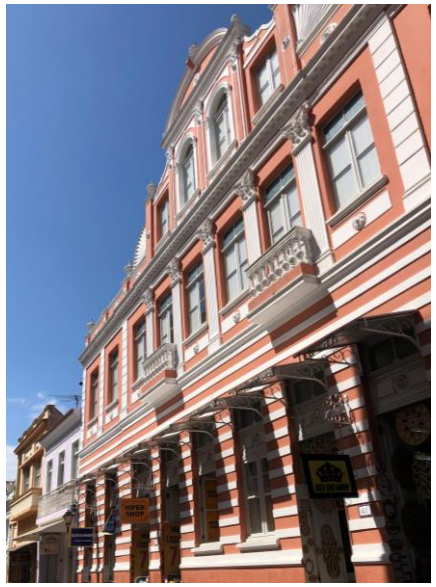
Museu Victor Meirelles

Teatro Álvaro de Carvalho

Galeria de Artesanato - Produtos da Cultura Popular

Casarão da UDESC/FAED na Praça Getúlio Vargas e Casario da Praça XV

Museu de Florianópolis



Casario da rua Conselheiro Mafra

O Caminho da Ilha

O **Caminho da Ilha** teve seu embrião na primeira gestão da ACACSC, com o presidente Talmir Duarte da Silva, que realizou uma caminhada experimental num pequeno grupo, como “Volta a Ilha”, uma rota de beleza privilegiada, de grau de dificuldade médio para alto.

Foi instituído, oficialmente, na gestão de Maria Zilda Staub. Após estudos e preparação, foi realizada a primeira “Volta a Ilha” no período de 11 a 18 de novembro de 2006 e projetada para ser realizada todos os anos. Seguindo a nomenclatura da maioria dos caminhos no Brasil e no exterior, na gestão de José Luiz Ferreira, em 2008, passou a denominar-se **Caminho da Ilha**, organizado, normalmente, no mês de novembro, por ser um bom período para esta atividade. Em dois grupos, um para o Norte e outro para o Sul, saem da Figueira da Praça XV, no centro de Florianópolis, acompanhados por guias associados.

É um caminho procurado pelos associados e por interessados que desejam conhecer a Ilha de Santa Catarina, no passo a passo, suas histórias, sua paisagem e sua gente. Este caminho, como todos os outros organizados pela ACACSC é parte da preparação de peregrinos para o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

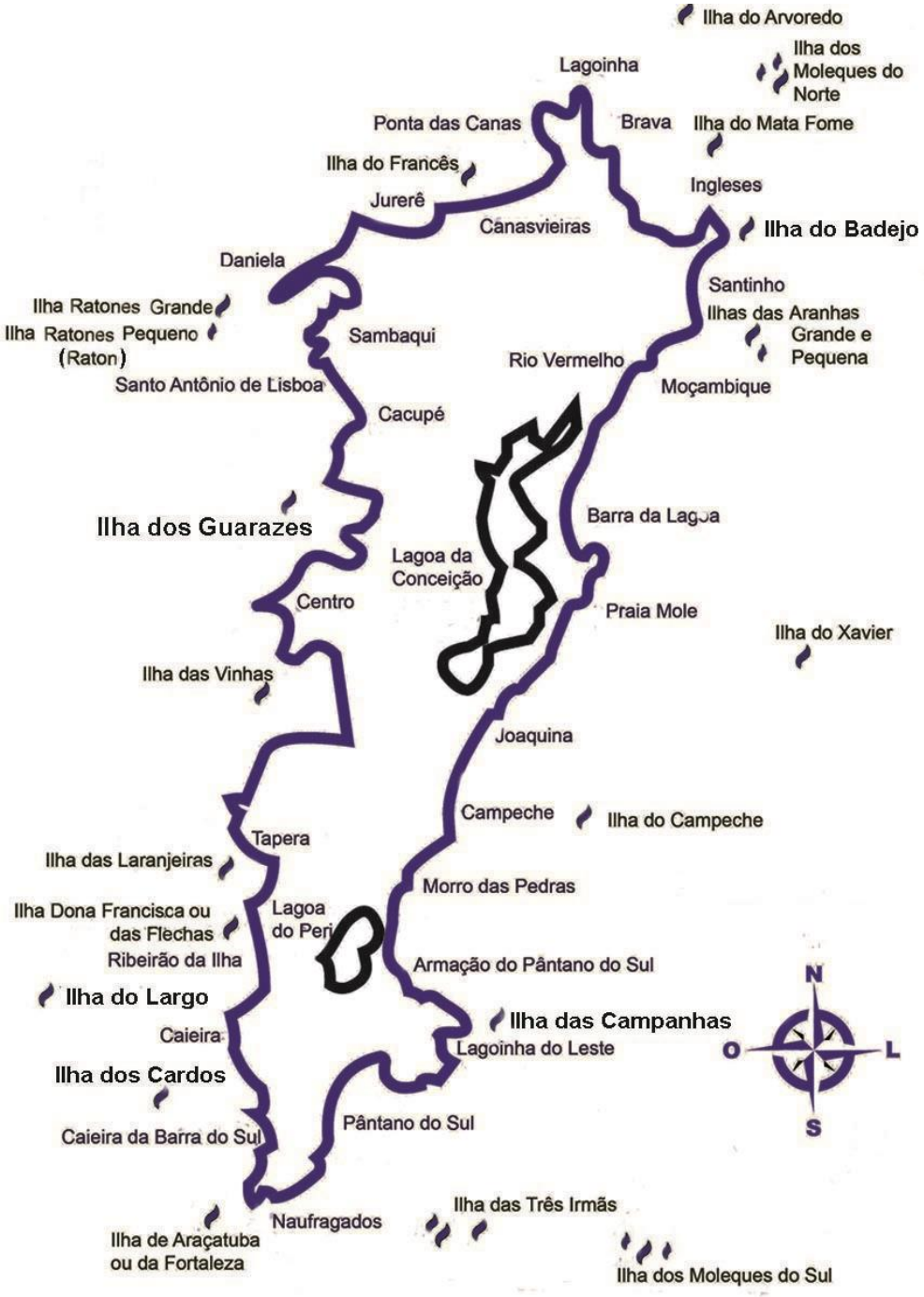
Peregrinos no Caminho da Ilha

Percorrendo o Caminho

A Ilha de Santa Catarina, possui natureza privilegiada de norte a sul e de leste a oeste. São 424,40 km² de encostas verdes, lagoas, costões, morros, dunas, manguesais, cachoeiras e praias de águas calmas e agitadas, quentes e frias, de areia fina ou grossa, isoladas ou movimentadas, emolduradas pela Mata Atlântica. Seu comprimento é de 54 km, largura máxima de 18 km. O percurso do **Caminho da Ilha** soma 188 km.

Os pontos mais elevados são: o morro do Ribeirão da Ilha com 519 metros de altitude e o da Lagoa da Conceição com 490 metros. É a maior ilha de um arquipélago com mais de 30 ilhas, entre elas Ratones (Raton) Grande, Ratones (Raton) Pequeno, Arvoredo, Xavier, Três Irmãs. Mata Fome, Campeche, Moleques do Sul, Francês e das Aranhas.

Explorar suas trilhas e seus caminhos são maneiras de conhecer a Ilha de Santa Catarina, especialmente se a pessoa estiver em sintonia com o Caminho.



Itinerário do Caminho

O **Caminho da Ilha** possui 8 etapas, divididas em dois grupos, um sentido Norte e outro sentido Sul.
Ambos partem da Praça XV de Novembro, ao pé da centenária figueira, perfazendo um percurso de 188 km.

Grupo NORTE

1ª etapa:
Praça XV de Novembro/Figueira/Balneário Daniela - 25 km
Sentido Avenida Beiramar Norte, bairro João Paulo, Cacupé, Freguesia de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui.

2ª etapa:
Balneário Daniela/Ingleses - 31 km
Praia do Forte, Jurerê Internacional, Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus, Ponta das Canas, Lagoinha e Praia Brava.

3ª etapa:
Ingleses/Barra da Lagoa - 29 km
Santinho, Morro das Aranhas, Moçambique e Rio Vermelho.

4ª etapa:
Barra da Lagoa/Campeche - 18 km
Praia da Galheta, Mole, Gravatá e Joaquina.

5ª etapa:
Campeche/Armação do Pântano do Sul - 15 km
Morro das Pedras e Lagoa do Peri.

6ª etapa:
Armação do Pântano do Sul/Solidão - 20 km
Matadeiro, Lagoinha do Leste, Pântano do Sul e Açores.

7ª etapa:
Solidão/Ribeirão da Ilha - 25 km
Saquinho, Pastinho, Naufragados e Caieira da Barra do Sul.

8ª etapa:
Ribeirão da Ilha/Figueira da Praça XV de Novembro - 25 km
Tapera, Estádio do Avaí, Beiramar Sul, Praça XV de Novembro/Figueira - Centro (Chegada).

Grupo SUL

1ª etapa:
Praça XV de Novembro/Figueira/Ribeirão da Ilha - 25 km
Beiramar Sul, Estádio do Avaí e Tapera.

2ª etapa:
Ribeirão da Ilha/Solidão - 25 km
Caieira da Barra do Sul, Naufragados, Pastinho e Saquinho.

3ª etapa:
Solidão/Armação do Pântano do Sul - 20 km
Açores, Pântano do Sul, Lagoinha do Leste e Matadeiro.

4ª etapa:
Armação do Pântano do Sul/Campeche - 15 km
Lagoa do Peri e Morro das Pedras.

5ª etapa:
Campeche/Barra da Lagoa - 18 km
Joaquina, Gravatá, Mole, Galheta.

6ª etapa:
Barra da Lagoa/Ingleses - 29 km
Rio Vermelho, Moçambique, Morro das Aranhas e Santinho.

7ª etapa:
Ingleses/Balneário Daniela - 31 km
Praia Brava, Lagoinha, Ponta das Canas, Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Jurerê Internacional e Praia do Forte.

8ª etapa:
Balneário Daniela/Praça XV de Novembro/Figueira – 25 km
Sambaqui, Freguesia de Santo Antônio de Lisboa, Cacupé, Bairro João Paulo e Avenida Beiramar Norte, Praça XV de Novembro/Figueira (Chegada).

Flores do

Caminho da Ilha

Roteiro do Caminho

Praça XV de Novembro

Também conhecida como Praça da Figueira, figura como o início da urbanização da capital dos catarinenses. Em 1662 foi fundada pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho. Segundo a tradição a figueira foi plantada no ano de 1871 em frente à Catedral Metropolitana de Florianópolis e transplantada para o local 20 anos depois.

A Praça XV reúne um belo jardim denominado Jardim Oliveira Belo, com várias espécies de plantas, no seu interior possui um espaço marcado para apresentações musicais, o Monumento em Honra aos Heróis Mortos na Guerra do Paraguai e os bustos que homenageiam os catarinenses: o poeta simbolista Cruz e Sousa, o artista e professor Victor Meirelles e os jornalistas e políticos José Boiteux e Jerônimo Coelho. Já o pintor Hassis dá vida à pavimentação da praça realizada em *petit-pavé* com desenho destacando o folclore ilhéu.

Forte Sant'Ana do Estreito ou Santana

Construído na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz, entre 1761 e 1765, para proteger a Vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, serviu como reforço na proteção à Ilha, junto ao Forte de São João, localizado na parte continental.

O projeto original caracteriza-se por um conjunto linear de edificações de um pavimento em alvenaria de pedra com cobertura em quatro águas, plataforma ou terra plena com sete canhoneiras dispostas, quartel da tropa, cozinha quartel dos soldados (quartel da tropa), cozinha, quartel dos oficiais (casa do comandante), corpo da guarda, casa da palamenta, casa da pólvora (paiol de pólvora).

Um episódio marcante de sua história ocorreu em 1893, por ocasião da Revolução Federalista, quando trocou tiros com a esquadra rebelde. Ao longo do tempo, passou por vários usos e reformas, até sua restauração definitiva em 1969, que lhe devolveu as formas originais. Em 1938, foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, abrigando desde 1975 o Museu de Armas Major Lara Ribas.

Forte Santa Bárbara

Edificado na segunda metade do século XVIII, sobre uma ilhota rochosa, próximo da praia sofreu a ligação à Ilha no início do século XX e com o novo aterro na década de 70 foi cogitada sua demolição, o que não ocorreu dada a pressão da opinião pública e pessoas envolvidas com o patrimônio cultural. Como parte do sistema defensivo da Ilha sua função destinava-se a evitar a passagem indesejada de piratas e invasores. Foi desativado em 1873 e em 1875 passa a abrigar a Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A partir de 1997 seu espaço foi ocupado por várias instituições públicas e privadas. Possui tombamento federal desde 1984.

Figueira da Praça XV

Praça XV

Forte de Santana

Forte Santa Bárbara

Cacupé

O nome Cacupé tem origem na língua tupi-guarani e significa “verde por trás do morro”. Banhada pelas águas calmas do canal da baía norte, o bairro atrai moradores e visitantes pela paisagem, mistura a modernidade, gastronomia, tranquilidade, cultura e turismo. A pesca artesanal, o cultivo de ostras, ancoragem de veleiros e o visual para a ponte Hercílio Luz são atrativos marcantes para quem vive e visita este lugar, vizinho de Santo Antônio de Lisboa.

Santo Antônio de Lisboa

Santo Antônio de Lisboa é uma das freguesias mais antigas da Ilha de Santa Catarina, com baia inteiramente abrigada, bucólica, acolhedora, de visual único, emoldurada por suas embarcações tradicionais e inúmeros veleiros aportados. Seu núcleo histórico preservado possui tombamento municipal. Recebeu seus primeiros habitantes ainda no século XVII, quando luso-brasileiros vindos de São Francisco do Sul se instalaram na região. Em 1698 foram concedidas as primeiras sesmarias desta terra ao padre Matheus de Leão e a algumas famílias portuguesas. Entretanto, sua fundação oficial só aconteceu em 1714, quando o sargento-mor Manoel Manso de Avelar se mudou para o local com sua família e construiu um entreposto para possibilitar o comércio marítimo.

Em 1748 vieram os açorianos que proporcionaram uma nova dinâmica ao lugar com o objetivo de garantir o território ao governo português. A localidade foi elevada à categoria de Freguesia por D. João V, em 1750 com o nome de Nossa Senhora das Necessidades da Praia Comprida. Em 1948 recebeu o nome atual: Santo Antônio de Lisboa. Sua riqueza cultural é o resultado dos grupos sociais instalados e daqueles que escolheram o lugar para viver.

O nome de Santo Antônio de Lisboa é uma homenagem ao monge português da Ordem Franciscana. Contudo, nem sempre o bairro foi conhecido dessa forma. A sua história narra que já foi chamado de Nossa Senhora das Necessidades, apenas Necessidades, Necessidades da Praia Comprida, Rerituba (1943) e finalmente substituído por Santo Antônio de Lisboa (1948).

O centro histórico abriga casas tradicionais, a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, construída entre 1750 e 1756, exemplar da arquitetura luso-brasileira, o cemitério, o antigo Posto da Alfândega, casa onde se hospedou em 1845, Dom Pedro II e a Imperatriz Thereza Cristina. A rua calçada em pedra, recebe aos domingos a feira das alfaias que reúne artesões, artistas das artes plásticas e cênicas, a Casa Açoriana e Tramoias Ilhoas, que se destaca como um centro de referência cultural da arte popular e das artes plásticas catarinense, um café e restaurante anexo. Os restaurantes com a gastronomia típica do lugar, os bares com música ao vivo e o visual no entardecer movimentam centenas de pessoas. A festa do Divino Espírito Santo ocorre no início de setembro e integra o Ciclo do Divino da Ilha de Santa Catarina, com Registro de Patrimônio Imaterial do município de Florianópolis.

Cacupé

Santo Antônio de Lisboa

Sambaqui

Comunidade vizinha a Santo Antônio de Lisboa preserva sua relação com a pesca artesanal, dos primeiros tempos de povoamento de origem açoriana em meados do século XVIII. Atualmente, possui atividade relacionada ao cultivo da ostra, ponto marcante da economia local e uma marina. Caracteriza-se por uma geografia privilegiada e seus moradores preservam o seu patrimônio material e imaterial.

A ponta do Sambaqui é área preservada como Patrimônio Natural e Paisagístico pelo Município, destaca-se a ponta das Pitangueiras, onde o visitante desfruta da natureza, na visita ao seu entorno encontra o Cruzeiro, herança cultural religiosa dos primeiros povoadores açorianos. À margem, uma pequena praia, restaurantes e ranchos de pescadores completam a paisagem.

O nome Sambaqui origina-se do tupi-guarani que provém de depósitos de conchas, cascas de ostras, restos de artefatos e esqueletos deixados pelos primitivos habitantes. O local agrega, ainda, valores históricos da época da navegação costeira da antiga Província de Santa Catarina. Desde 1850, existiu um Posto Fiscal que controlava a chegada de navios à Baia Norte, caracterizando a importância do lugar nesse feito. A casa de característica luso-brasileira existe até hoje, e ali se estabeleceu a sede da Associação Comunitária que desenvolve atividades culturais relacionadas a cantorias de ratoeira, renda de bilro e boi de mamão.

Sambaqui

Balneário Praia da Daniela

Recebeu este nome na década de 70 do século XX, quando foi aprovado o loteamento, configurando a paisagem urbana atual. O nome é uma homenagem à neta do proprietário Senhor João Amorim, responsável pelo loteamento, infelizmente descaracterizando a denominação antiga.

A formação geográfica apresenta uma ponta de areia com vegetação que se estende para o mar, avançando sobre as águas. Seu nome tradicional é praia do Pontal. Possui vista deslumbrante para as ilhas dos Ratones e Anhatomirim. Seu ecossistema é importante para o equilíbrio ecológico da Ilha com seu manguezal e restinga, criadouro natural de várias espécies marinhas e preserva pesca artesanal.

Na atualidade, dependendo do vento é utilizada para a prática do Kitesurf.

Daniela

Praia do Forte

Situada na Ponta Grossa, denominada de Praia do Forte por estar dentro da área da Fortaleza de São José da Ponta Grossa, localizada ao norte da Ilha de Santa Catarina, que constituiu o sistema defensivo da Ilha, construído entre 1740 e 1744, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, primeiro governador da Capitania de Santa Catarina. A Fortaleza de São José é um dos vértices do triângulo defensivo da baía Norte da Ilha, integrado pela Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim e pela Fortaleza de Santo Antônio de Ratones.

Os moradores tradicionais da Praia do Forte mantêm suas tradições ligadas ao povoamento de origem açoriana de meados do século XVIII, relacionado a pesca tradicional, os saberes e fazeres, principalmente, as mulheres que produzem renda de bilro no seu cotidiano. É uma praia dotada de patrimônio paisagístico, cultural e gastronômico procurada por visitantes nacionais e estrangeiros.

Forte

Jurerê

Antiga Praia da Ponta Grossa, recebeu nova denominação retirada do primeiro nome da Ilha de Santa Catarina, Y-Jurerê-Mirim, que significa Boca d'Água Pequena, na linguagem Carijó.
Tradicionalmente tem o seu povoamento ligado aos descendentes açorianos radicados na Ilha em meados do século XVIII. É uma comunidade que desde o princípio está relacionada com a pesca tradicional. Com a evolução da expansão urbana torna-se uma praia bastante procurada pelos turistas, devido a sua gastronomia ligada ao mar e a tranquilidade das águas. Abriga uma marina com excelente infraestrutura.

Em 1982 nasce um empreendimento imobiliário de alto padrão residencial e de serviços, denominado Jurerê Internacional que preza pelo compromisso ambiental e sustentável do local, com vida própria, dividindo a praia de Jurerê em duas situações de planejamento urbano, o antigo e o novo.

Jurerê

Praia de Canasvieiras

Seu nome deriva do vegetal cana vieira. Este lugar preserva paisagem, mantém vestígios históricos do tempo do povoamento da Ilha de Santa Catarina. Destaca-se, a igreja com cemitério acoplado, que segundo pesquisadores tem início em 1830 e a arquitetura de algumas unidades compõem a paisagem do lugar. Na religiosidade os moradores preservam a tradicional Festa do Divino Espírito Santo, declarado Patrimônio Imaterial pelo município de Florianópolis, em 2017, compromisso com a preservação cultural.

A fundação da Vila de São Francisco de Paula das Canasvieiras foi registrada em 1754. Naquela época, seus moradores dedicavam-se a agricultura e a pecuária de subsistência. Posteriormente, a pesca se firmou como principal atividade da comunidade, por ser uma praia de fácil acesso ao manejo de embarcações de um único tronco, muitas delas com características bordadas, as lanchas baleeiras lisas ou de madeiras sobrepostas. Seus ranchos tradicionais de pescas servem para a guarda das embarcações, os apetrechos de pesca e reparos.

Por conta da paisagem e a qualidade da água tornou-se o primeiro balneário do município de Florianópolis, recebendo gente de toda parte, principalmente, os turistas argentinos. Para impulsionar seu crescimento, a prefeitura, em 1956, projetou áreas específicas em ruas e lotes dando impulso ao desenvolvimento urbano do local, configuração que se mantém alargada. O balneário de Canasvieiras se torna durante o verão um dos destinos mais movimentados da Ilha, devido a praia calma sua infraestrutura hoteleira, gastronômica e de comércio. O trapiche com suas escunas dinamizam o local.

Outro ponto que deve ser ressaltado nessa comunidade está vinculado ao início do Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela inaugurado 29 de junho de 2017. É um trecho de 23 km que inicia na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, neste bairro.

Canasvieiras

Praia Cachoeira do Bom Jesus

Localizada entre as praias Ponta das Canas e Canavieiras teve o seu desenvolvimento a partir da tradicional comunidade de Canasvieiras e o desenvolvimento de sua balneabilidade. Lugar aprazível de fácil acesso, com suas águas calmas motivam as famílias locais e frequentadores do cone sul durante os meses de verão.

Na década 70 do século XX, inicia o seu processo de modernização com investimentos na área da construção civil. Surgem condomínios e empreendimento proporcionando a autonomia do local. Proporciona oportunidade de descanso e lazer ligados a parte náutica e esportes e passagem do Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela.

Cachoeira
do
Bom Jesus

Ponta das Canas

Após a segunda metade do século XX, a Praia de Ponta das Canas, tradicional comunidade de pescadores e agricultores vem paulatinamente sendo modificada pela exploração imobiliária. Inicialmente as casas foram construídas no entorno da Igreja de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Praia isolada das outras comunidades fazia seu comércio, na maioria das vezes, pelo mar.

Em 1950 foi construída a primeira estrada facilitando a integração por terra com as demais comunidades. A orla com suas canoas tradicionais dispostas na praia e a pequena lagoa de Ponta das Canas tiveram áreas reduzidas pelo aterramento necessário para a conclusão da estrada, no entanto, estas embarcações ainda fazem parte da paisagem local.

Na atualidade, a comunidade preserva traços culturais de seu povoamento, mantém a pesca artesanal da tainha, a festa do padroeiro e compõe a partir de 2017 trajeto do Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela, passando pela Igreja de São Pedro, neste bairro.

Ponta das Canas

Praia da Lagoinha

É um tradicional local de pescadores que se mantém até a atualidade com suas embarcações pintadas de branco com bordas coloridas e ranchos de pesca com seus apetrechos e redes para o cerco da tainha. A praia está localizada no extremo norte da Ilha de Santa Catarina e seu nome decorre da constituição geográfica. Pequenos rios formam uma lagoa de água doce cercada por áreas da praia formando a lagoinha.

A praia aberta para o oceano e em semicírculo é protegida por costões e vegetação, proporcionando um mar de águas calmas com maior segurança aos pescadores e veranistas, que buscam tranquilidade. Outra característica dessa geografia é o morro do Rapa, de alto grau de dificuldade, com suas histórias ligadas a literatura popular, desperta curiosidade dos caminhantes. Ali praticava-se a agricultura de subsistência e se constitui no antigo caminho dos pescadores que liga à praia Brava. Do seu topo descortina-se um magnífico visual da Lagoinha e Brava e é parte do trecho do Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela.

Lagoinha

Praia Brava

Seu nome deriva da condição de águas bravas, despertando a atenção e cuidado do veranista para não ser surpreendido pelo mar. Entre morros maciços argilosos, pedras e costões proporciona condições de visibilidade para as ilhas do Arvoredo e Moleques do Norte.

Com visual de rara beleza até a década de 60, do século XX, era um local de difícil acesso devido a condição dos morros e do caminho, até então, utilizado por pescadores, moradores do entorno com carros de bois e caminhantes de outras comunidades que já se arriscavam em trilhas. Alguns dos poucos moradores residiam próximo à praia e, também, viviam da agricultura de subsistência. As mulheres do local, a exemplo, de muitas outras da Ilha tinham por hábito o fazer da renda de bilro.

Como em outras partes da Ilha, a Praia Brava, sofreu a especulação imobiliária de alto padrão, dando lugar na sua maioria à verticalização. Possui infraestrutura de hotéis, bares e eventos direcionado ao público jovem. As ondas fortes criam um ambiente perfeito para a prática do surf e bodyboarding.

No sentido sul está o morro das Feiticeiras, uma trilha nativa de pescadores e moradores, com suas histórias relacionadas ao imaginário das bruxas, passagem do Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela.

Brava

Praia dos Ingleses

Localizada ao norte da Ilha de Santa Catarina seu nome ocorre por conta de um naufrágio de uma embarcação inglesa na área, entre 1683 e 1737. Com uma extensão privilegiada de mar aberto e de areias brancas é uma das praias mais procuradas dentre as cem praias que compõe a geografia da Ilha.

Seu desenvolvimento ocorre desde 1970. O bairro Ingleses oferecem uma ótima estrutura hoteleira, pousadas e rede comércio e serviços. Apesar do crescimento desordenado de sua ocupação de veraneio até meados de 1960, era uma região tipicamente açoriana, com intensa atividade pesqueira. Hoje ainda leva inúmeros curiosos à praia para ver o desenrolar da pesca, principalmente, quando se trata do cerco a tainha a partir do mês de maio.

As atividades dos moradores nativos neste passado não muito distante se dividiam entre a pesca e agricultura de subsistência com trabalhos nos engenhos de açúcar e farinha, típicos nesta região. A fabricação dos produtos era utilizada para consumo próprio e o excedente servia de troca e venda nas comunidades vizinhas e no mercado da capital.

O bairro Ingleses tem vida própria. A população nativa preserva seu patrimônio material e imaterial. A antiga Igreja de Nossa Senhora de Navegantes é ponto de passagem do Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela. A pesca artesanal é parte da vida cotidiana com suas canoas sempre posicionadas à espera de um bom cardume.

O espírito religioso de seu povo levou a construção do Santuário Sagrado Coração de Jesus, criado em 06 de julho de 1998. Nesse Santuário termina o Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela.

Praia do Santinho

Nesta praia encontra-se um dos maiores resort da América Latina, embelezado pela vegetação de encosta e por narrativas relacionadas a história e arte popular da Ilha de Santa Catarina, ranchos de pescadores repletos de canoas bordadas com suas bordas coloridas típicas do lugar utilizadas para a pesca da tainha.

Compõe o cenário de rara beleza um acervo significativo arqueológico sitiado na ponta sul desse empreendimento. Trata-se de um museu a céu aberto denominado “Museu Arqueológico ao Ar Livre Costão do Santinho”, com inscrições rupestres gravadas na rocha e oficinas líticas, realizadas entre 1 mil e 4 mil anos atrás, que estão protegidas da ação do tempo, da natureza e do homem por uma estrutura rústica de madeira e cordas criada que oferecem um sombreamento indireto.

Completam o roteiro dessa paisagem painéis explicativos e escadarias, conduzindo o visitante para a parte mais difícil do percurso, onde estão distribuídos num extenso costão de diabásio que se estende à esquerda, quatro grupo de petróglifos, representando figuras antropomórficas, esquemas geométricos. São também visíveis os vestígios das oficinas líticas, gravadas na cavidade das pedras, com dezenas de alisamentos, onde a beira mar, eram afiados os instrumentos realizados pelas populações primitivas, reunindo num único lugar, o contato do homem moderno, como parte dessa história de ocupação humana.

A denominação Praia do Santinho, fortalecida pela narrativa oral, deve-se a uma inscrição rupestre, cujo formato lembrava um santo. Simbolicamente, os pescadores acendiam velas e pediam proteção contra as intempéries a imagem desaparecida. A mudança do nome se consolida em 1970 em substituição ao nome Praia das Aranhas que assim se chamava por conta de um pequeno arquipélago localizado de fronte a praia. Atualmente, apenas a ponta sul da praia é conhecida pelo nome Ponta das Aranhas.

A praia com sua extensão de areias brancas é emoldurada na parte norte com longos trechos de dunas que ampliam o visual. É também é palco diário de surfistas que buscam ondas fortes para a sua prática esportiva e de lazer.

Ingleses

Ingleses

Ingleses

Santuário do Sagrado Coração de Jesus

Aqui termina o Caminho Brasileiro

Santinho

Santinho

Praia do Moçambique

Seu nome deriva de uma concha abundante no local. É praticamente deserta e se configura na mais extensa da Ilha, com os seus 8 quilômetros marcados por areias brancas, de fácil caminhar por ser extremamente macia. A paisagem é completada por dunas que cortam a linha entre a vegetação rasteira e o oceano fazem dela um cenário que apresenta característica singular.

Por ser uma praia oceânica, de ondas agitadas e largas, atrai surfistas e pessoas que querem estar distantes do agito das praias urbanas com estruturas turísticas, hoteleira e de moradia.

Sua denominação atual ocorre a partir de 1850, gravado em mapas que primeiramente a denominaram de Praia Comprida e posteriormente Praia Grande.

Barra da Lagoa

Um dos lugares mais emblemáticos da Ilha, com seu canal repleto de botes e pescadores que além da prática da pescaria em mar aberto, lançam suas tarrafas da borda do canal, constituindo um cenário único, emoldurado pelos ranchos de pescadores, o fazer e o remendar das redes, a forma de expor as redes nas embarcações e colocá-las para secar, o escamar o peixe na borda d'água, a vegetação, as gaivotas com os seus voos rasantes, o farol, a pequena igrejinha, no centrinho, a praia, os restaurantes com as comidas típicas, as inúmeras pessoas que praticam o surf e o esportes de lazer, as pessoas que buscam as trilhas internas do morro para ter contatos místicos e apreciar o solstício de verão e equinócio de inverno ditam a dinâmica do lugar.

A Barra se caracterizou como um prolongamento da ocupação da Lagoa da Conceição feita por povoadores vindos do Arquipélago dos Açores (1748-1756). É lugar de muitas histórias onde se mantém as tradições ligadas a este povoamento.

É escolhida por pessoas com estilo de vida mais alternativo e que mantem uma ligação direta com a natureza. Aqui o manezinho da ilha convive em total harmonia com esses moradores que adotaram esse pedaço de chão.

Importante mencionar que a Lagoa da Conceição, cobria toda a extensão desde a Barra até a Ponta das Aranhas. Além de ter nome trocado para praia da Barra da Lagoa, em 1989, nome já atribuído pelos antigos moradores.

É uma comunidade pesqueira tradicional, onde a principal fonte de renda dos nativos continua sendo a pesca. Mulheres fazem renda e pescadores tramam suas tarrafas e redes. Em 1983, foi construída uma **Ponte Pênsil**, sobre o canal, que liga a praia a um dos recantos de caminhos estreitas, com uma ocupação "desordenada" e de onde pode ser contemplado sítio arqueológico (oficinas líticas, monumentos megalíticos), firmando a presença na região por ancestrais indígenas há milhares de anos.

A Barra lugar se desfruta de muitas formas a pé, por mar e por barcos, lanchas, jet-ski, que se lançam todos os dias e, principalmente, no verão para passeios com familiares e busca de boa gastronomia do canal.

Moçambique

Parque do Rio Vermelho

Barra da Lagoa

Barra da Lagoa

Lagoa da Conceição

Cantada em prosa e verso pelo poeta Zinho sua beleza natural se descortina entre os morros, as dunas e bela Lagoa, do lado norte e sul. “Ilha da moça faceira da velha rendeira”, das lanchas baleeiras, canoas de um único tronco, dos botes e dos barcos modernos, a Lagoa da Conceição, protegida por sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição, oferece ao visitante o encontro com a sua história secular e inúmeros tipos de esportes náuticos que desfrutam no mundo moderno. Completa esse cenário magnífico a igrejinha, edificada no alto da elevação, voltada para antiga freguesia, rodeada por um cenário verdejante. Teve o seu início de construção em 1751 e concluída em 1780. Seu altar barroco chama atenção, assim como a Casa do Vigário, a Santa Cruz e o Teatro do Divino. É protegida pelo patrimônio Municipal e foi elevada à condição de Santuário em 8 de dezembro de 1999, dia de sua padroeira. A igreja foi visitada por D. Pedro II, em 1845. Em 1847, lhe doou uma custódia de prata e, em 1861, os dois sinos, que permanecem no lugar.

Em 1666 existe nessas terras registros de plantações e construções dando o processo de ocupação solidificada pelo povoamento açoriano em 1750, que deixou um legado significativo para as gerações futuras, misturada a outras culturas: as cantorias de roda de Ratoeiras, do Ternos de Reis, Anunciação, São Sebastião e Navegantes, as trovas, a dança do Pau-de-Fita, a brincadeira do Boi-de-Mamão, as cantorias realizadas pelas mulheres rendeiras que produzem suas peças e as vendem na principal avenida - das Rendeiras. A festa do Divino Espírito Santo realizada todos os anos, com seu ritual, que antecede os três dias de festa, se firma como a mais significativa manifestação, seguida pela festa de Nossa Senhora de Navegantes.

O lugar também foi habitado pelo homem do sambaqui e depois pelos Carijós, cujos vestígios são comprovados através dos sítios arqueológicos existentes na Ilha. Conserva uma gastronomia tradicional voltada para frutos do mar. Uma feira de artesanato que ocorre aos domingos no entorno do casarão Bento Silvério, inaugurado em 1912, antiga estação de radiotelegráfica e uma casa de máquinas, único exemplar na capital da arquitetura do período pós-revolução industrial. É tombado pelo Patrimônio Histórico e Arquitetônico de Florianópolis, em 1985.

Lagoa da Conceição

Lagoa da Conceição

Praia da Galheta

Segundo o pesquisador Nereu do Vale Pereira, no livro Florianópolis das 100 Praias, menciona que “sua verdadeira grafia vem sendo esquecida, por erro ortográfico. O uso da Galheta (pequena jarra de vidro) nada tem a ver com a realidade geográfica de uma “calheta”. A praia faz parte do Parque Natural da Galheta, sendo área de preservação permanente, com proibição expressa de qualquer tipo de construção, parcelamento do solo, camping, caça de animais, danos à vegetação e acessos de veículos automotores.

Protegida por um morro que a mantém isolada da estrada, a praia da Galheta é a única praia da Ilha de Santa Catarina, eleita pelos adeptos a prática do naturismo desde 1970. O acesso se dá somente por duas trilhas. Uma delas curta, com saída pela costa norte da Praia Mole e outra pela Barra da Lagoa, mais difícil e longo.

Galheta

Praia Mole

É um verdadeiro espetáculo da natureza, frequentada por um público, a princípio, jovem, por conta da prática de esporte, como o Surf e Kitesurf e barzinhos agitados. Se configura como a antiga Praia do Retiro da Lagoa e que passou a chamar-se de “Mole” devido a areia fofa que se desloca dos pés.

Hoje é uma das praias mais preservadas da Costa Leste e sua área de restinga bem cuidada emoldura a linha de areia branca. Apresenta nesse cenário vestígios da ocupação primitiva, com os amoladores e afiadores e sinais geométricos no costão. Praia oceânica, inclinada, suas águas geladas, geralmente apresentam ondas fortes e requerer atenção redobrada dos banhistas quando adentram ao mar.

Por suas características naturais, a praia Mole, assim como a Joaquina, são sedes de etapas de campeonato de surf, ambas as praias ficam inteiramente agitadas com seus públicos específicos, frequentadores e turistas nos meses de campeonato e a temporada.

Mole

Praia da Joaquina

Dotada de boa infraestrutura de serviços não tem como não se encantar com a beleza exuberante da paisagem da “Joaca”, suas águas geladas bravas e por vezes traiçoeiras, apresenta ondas perfeitas para a prática surf, se constituindo em lugar único na Ilha. Para se chegar até a praia percorre-se de carro ou a pé por uma estrada com vegetação rasteira margeada do lado leste pelas famosas dunas da Lagoa da Conceição, que chegam até o limite da praia de areias brancas e muito fina em constante movimento.
Propícia à prática de esporte de areia, pesca de costão, foi com o surf que se consagrou nacional e internacionalmente, sediando inúmeras de suas etapas e colocando atletas catarinense e brasileiros em evidência no circuito mundial.

No passado, a praia era conhecida como Ponta das Garças e Praia das Dunas, pois antes da especulação imobiliária o acesso era somente realizado pelas dunas. O nome Joaquina não se sabe ao certo. No entanto, pode estar ligada, segundo a tradição oral, a uma moradora que residia na Ponta do Retiro, também denominada Ponta das Garças.

Um importante sítio arqueológico de cerca de 4 mil anos completa a paisagem, onde foram encontrados alguns vestígios, como colchas, carvão vegetal, machados de pedra polida, batedores, alisadores e ossadas humanas. Também podem ser vistos amoladores no formato de pratos rasos e de frisos.

Joaquina

Joaquina

Praia do Campeche

Um mapa de 1786 mostra que as praias da Joaquina e do Campeche eram tidas como uma única praia, denominada de Praia do Mandu. Durante muito tempo o Campeche foi uma pacata comunidade de pescadores descendentes da extensão do povoamento açoriano na Ilha. Sua praia encanta o visitante que por ali chegam e sua evolução é parte da especulação imobiliária, onde todos querem residir próximo ao mar. Seu nome pode estar relacionado a duas versões. A primeira delas surge no século XVIII e tem a ver com um arbusto (*Themaozylon)*, conhecido dos moradores como pau-campeche, que fornece matéria-prima para tinta e uso medicinal. Já a segunda versão surge na década de 20 e está relacionada ao aviador e escritor Antonie Saint-Éxupéry, pois na tradição se referia ao local como uma área de campo de pesca (*Champ de Pêche*). O lugar foi o primeiro aeroporto de Florianópolis, graças a esse francês que trabalhava para a Société Latècoère e tornou um campo de pouso da rota Buenos Aires-Europa.

Com três quilômetros e meio de extensão, a Praia do Campeche é muito frequentada por surfistas e kitesurfistas, devido as características do mar e vento.

A ilha do Campeche, em frente à praia, é famosa por seus sítios arqueológicos com inscrições rupestres e oficinas líticas, com mais de 4.000 anos. Possui acesso de barco com visitas guiadas restrito por ser zona que possui tombamento do Iphan.

Outro ponto importante a ser destacado na zona do Campeche é a igreja de São Sebastião construída em 1826, por uma família de posses do Rio Tavares. De arquitetura singela ganha importância segundo a pesquisadora e arquiteta Eliane Vera da Veiga, “quando inserida no conjunto formado pela igreja de nave única com pequena sacristia e torre sineira, o cemitério e o Império do Divino de tradição açoriana. Possui uma imagem de Santa Catarina, doada em 1922, pelo arcebispo de Florianópolis e outra, de São Sebastião, do século XVII, em terracota, que teria pertencido à Matriz da Capital”. Pelo seu conjunto é tombada pelo Patrimônio Histórico e Arquitetônico Municipal.

Campeche

Campeche

Morro da Pedras

É outro cenário que tira o folego de quem resolve apreciar a imensidão do mar. Suas águas de fortes ondas, tornam-se um espetáculo da natureza, quando se encontra com as pedras, levantando uma espuma branca, que mais parece um véu de noiva. A praia abriga uma comunidade nativa, alguns poucos ligados a atividade da pesca que ainda preserva a natureza, o que lhe dá um ar de certa tranquilidade. É o costão de pedras que a separa da Praia da Armação e lhe dá o nome.

No alto do morro, encontra-se a Casa de Retiro Vila Fátima, construída em pedras extraídas do próprio local em 1952 e pertence a Congregação Jesuíta do Colégio Catarinense de Florianópolis. Seu pátio serve como um mirante, de onde se tem um visual dos mais belos do sul da Ilha.

Morro das Pedras

Morro das Pedras

Lagoa do Peri

É a maior lagoa de água doce potável da costa catarinense, com cinco quilômetros quadrados de espelho d'água. É também, o maior manancial de água potável da Ilha, abastecida por um conjunto de afluentes hídricos que nascem nas encostas que a cerca. Nestas encostas elevadas do Sertão do Peri ocorrem uma série de atividades agrícolas de subsistência, com características artesanais, mantidas pelos moradores locais em seus engenhos e alambiques.

A lagoa é parte integrante de um complexo que integra o **Parque Municipal da Lagoa do Peri** com 20,1 km**,** uma reserva biológica, rica em sombra, fauna, flora e atividades de referência cultural. No verão, o parque costuma ser bastante frequentado por famílias que buscam um recanto mais calmo para fazer piquenique.

Lagoa do Peri

Praia da Armação do Pântano do Sul

Também denominada pelos moradores do lugar de Armação, seu nome está relacionado à antiga atividade das armações de baleia que existia no lugar em meados do século XVIII e XIX, cuja produção artesanal se extraía e comercializava o óleo de baleia, produto amplamente e comercializado com outras regiões do país e deveras importante para a iluminação pública urbana. Além do óleo, outras partes do cetáceo eram aproveitadas, como a carne, a gordura e as barbatanas.

Na atualidade a Armação do Pântano do Sul é um dos principais núcleos de pesca artesanal de Florianópolis, com origem nos primeiros povoadores açorianos. Conserva boa parte de sua paisagem e muitas das suas tradições culturais herdadas dos seus antepassados. Uma delas, sem dúvida, é o jeito simples de ser e de receber o visitante com o seu sotaque cantado e ligeirinho e muitas histórias cotidianas.
Integra, ainda, esse belo visual paisagístico-cultural, as canoas bordadas repletas de redes com seus remos arriados, perfiladas na praia, esperando o momento certo para ir ao mar e o trabalho habitual que executam, reparando as embarcações e suas redes.

A pequena igrejinha erguida em 1772 nesta pequena enseada, em honra a Sant'Anna, por determinação da "Companhia da Pesca de Baleia" é ponto de visitação importante. Um fato curioso ligado a sua história, presente na memória coletiva, refere-se aos remadores e arpoadores das baleeiras que se confessavam antes de se lançarem ao mar. Completa o ritual desses pescadores a ida do sacerdote até a praia e de benzedeiras, para benzer as embarcações e a todos que se lançavam neste desafio.

No entorno da capela havia um complexo relacionado a caça a baleia. De um lado, a casa grande e o armazém da fazenda e do outro as senzalas dos escravos, os tanques e os caldeirões de preparo do azeite. Sofreu duas reformas a 1838 e 1948, alterando a sua volumetria, restando de original a fachada principal, onde o óleo de baleia entrou na sua composição da argamassa, dando-lhe maior resistência, afirma a Arq. Eliane Veras da Veiga. Apesar da ação do homem, a Capela de Sant'Anna, é um referencial importante da história da arquitetura religiosa em Santa Catarina, abriga um Santo Antônio, em terracota e um Cristo Crucificado, confeccionados por mestres populares anônimos. A arte contemporânea está presente numa Via Sacra, a Santa Ceia e Sant'Anna, pintada por Vera Sabino, artista de renome internacional.

Completa o cenário deste lugar a Ilha das Campanhas próxima à praia, ligada por um trapiche que aguça o vai e vem dos moradores e visitantes e permite apreciar as praias da Armação e do Matadeiro com suas encostas verdejantes.

Lagoa do Peri

Armação do Pântano do Sul

Praia do Matadeiro

Esta praia é separada da Praia da Armação pelo rio Quinca Antônio, onde desaguam os excedentes da Lagoa do Peri. Uma bela praia que atrai muitos turistas na temporada de verão.

Popularmente conhecida como “Matadeiro”, no passado como Saco do Matadouro, nome que surge por ter sido o local de matança dos cetáceos, durante o ciclo da caça na Ilha e de Santa Catarina. É parte do complexo exploratória da caça à baleia da praia da Armação.

Por conta do declínio dessa prática no século XIX os pescadores continuaram com suas atividades pesqueiras, utilizam para o cerco da pesca da tainha. Seu costão, de fácil acesso, propicia a pesca da garoupa.

Costão do Matadeiro

Matadeiro

Lagoinha do Leste

Com acesso apenas pelo mar ou a pé, condição provavelmente, que lhe deixou preservada das especulações imobiliárias, a praia oferece natureza exuberante de morros e peraus. Seu topônimo é proveniente da formação geográfica. A lagoinha de águas quentes e escuras, localizada próxima ao costão esquerdo, escondida pela restinga, recolhe as águas vindas dos morros à sua volta e a torna única.

Está delimitada por dois costões que adentram ao oceano. Configura-se numa das mais belas da Ilha devido ao seu ar selvagem, mata intocável, moldurada pela areia branca, com um mar ora azul e ora verde, dependendo da época do ano. Convida os apreciadores e caminhantes para desbravá-la. Por suas características naturais e físicas é parque natural de preservação permanente, explorada pelo turismo ecológico com muito cuidado. A praia conduz o caminhante a uma viagem no tempo, impossível não se apaixonar e dar vasão a mente para aos seus mistérios.

Lagoinha do Leste

Pântano do Sul

Reduto tradicional de pescadores, com seus ranchos e canoas bordadas e baleeiras a beira mar, descendentes dos primeiros povoadores açorianos de meados do século XVIII, oriundos das comunidades vizinhas e de outras partes do nosso continente. Preservam suas tradições, nos jeitos e trejeitos. Destaque para as celebrações a santos padroeiros, o culto ao Divino Espírito Santo. Outras manifestações culturais se mantêm até a atualidade e estão vinculadas as histórias e causos de pescadores, as mulheres benzedeiras e rendeiras, danças populares, a forma de arrumar suas redes e de se juntar para a ir à pesca, principalmente, a mais tradicional de todas, a da tainha.

Praia de grande enseada e larga extensão, onde o vento sul quando chegada, varre a todos da praia, inclusive, as embarcações que são retiradas por seus proprietários, para não as colocar em risco. É também conhecida como “Ponto Sul”. Suas águas são geladas, muito procurada pelos banhistas e turistas, por alcançarem a praia vagarosamente e, por ter, restaurantes a beira mar e um dos bares/restaurante pitoresco e manezinho da Ilha. Por ali já passaram dezenas de artistas, pessoas dos mais variados campos do conhecimento, pesquisadores, nacionais estrangeiros. Faça chuva, faça sol, vento sul ou calmaria é um dos pontos mais visitados fora da temporada de verão.

A tradição oral e de pesquisadores afirmam que o nome da praia provém do fato de que, até o século XVIII, a porção oeste dessa praia era banhada por pequenos rios vindos dos morros das redondezas, o que fazia com que o solo tivesse um aspecto semelhante ao de um pântano, permitindo um solo propício ao cultivo do arroz. Contudo, foi o ciclo da caça às baleias que deu impulso ao desenvolvimento do lugar.

É nesta praia que se localizam os mais antigos registros arqueológicos da Ilha de Santa Catarina. O sambaqui existente no bairro foi datado em aproximadamente 4.500 anos e é formado por um grande depósito de conchas, restos de artefatos utilizados no cotidiano e de conjuntos de ossadas que foram amontoados com o passar do tempo por alguns dos primeiros grupos humanos a habitar o nosso litoral.

Lagoinha do Leste

Pântano do Sul

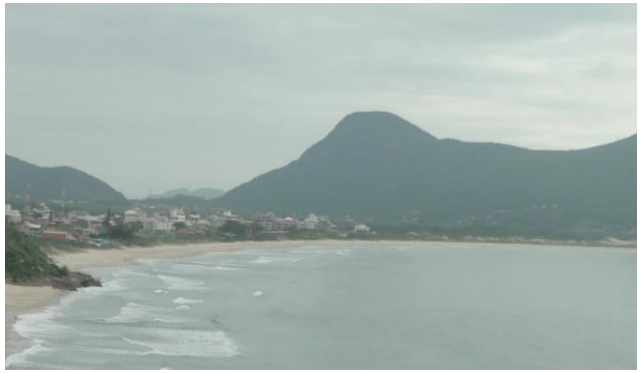
Pântano do Sul

Praia dos Açores

Esta praia não possui limite físico com a Praia do Pântano do Sul, sendo que as duas praias somam, aproximadamente, três quilômetros de extensão. Sem a proteção do costão que abriga as águas calmas da praia vizinha, é aberta para o oceano, com águas agitadas, forte repuxo e a ação de ventos é mais intensa. As águas são azuladas e bastante frias, características das praias do sul da Ilha.

É o balneário mais bem planejado do extremo sul da Ilha de Santa Catarina e a comunidade local é tranquila, bem ao estilo dos que gostam de sossego. Os morros do Pântano, da Costa de Dentro, do Trombudo e do Córrego dos Naufragados cercam a praia dos Açores, oferecendo para os amantes da natureza trilhas ecológicas em meio à Mata Atlântica preservada.

A Ponta da Régua estabelece o limite sudoeste, que divide a Praia dos Açores da Praia da Solidão. Da praia com faixa de areia clara não muito estreita, é possível ver as Ilhas Três Irmãs e a Moleques do Sul.



Açores

Praia da Solidão

Esplendidíssima praia escondida, oficialmente denominada como Praia do Rio das Pacas, tornou-se mais conhecida como Praia da Solidão, a partir dos anos 1960 e, na atualidade, é muito procurada pelos moradores da Ilha, arredores e por aqueles que estão em visita. Por ali, se estabeleceram alguns poucos moradores fugiam do agito urbano, cultivaram um pequeno comércio, abastecendo embarcações e viajantes.

No entanto, a principal fonte de renda da região, sempre foi a pesca de tainha, além da matança e comercialização de pacas, no passado, cuja abundância deu nome ao rio. Apesar do mar aberto para o oceano, as águas tendem a ser mansas, cristalinas, e frias, principalmente quando bate o vento sul, que também faz com que as ondas cresçam.

A Praia da Solidão é um recanto de natureza preservada, suas encostas e morros têm cobertura de Mata Atlântica. No meio deste ecossistema, nascem pequenos rios que desembocam na praia, formando o Rio das Pacas. Em alguns pontos, formam-se cachoeiras e poços de água limpa e doce em que se pode nadar. Como quase toda praia da Ilha, a Solidão, tem sofrido com a ocupação desordenada.

Solidão

Praia do Saquinho

Chega-se à praia do Saquinho por uma trilha que na atualidade é de concreto. Mas, até a década de 90 do século XX, o trajeto era feito por embarcação, a pé ou a cavalo, exigindo cuidado do caminhante por ser muito estreita e levava-se, no mínimo, três horas para se alcançar a Santa Cruz.

No mês de maio ocorre a festa com uma novena em latim, uma homenagem a Santa Cruz. Totalmente desprovida de energia elétrica e de infraestrutura, o acampamento era realizado em terreiros de moradores ou na praia. Apenas quatro ou cinco famílias tradicionais habitam o local, vivem da agricultura de subsistência e da pesca.

O nome da praia vem dos descendentes de açorianos, que chamavam de “saco” qualquer área protegida de grandes ondas ou ressacas. Em termos geográficos, entende-se por “saco” os recortes na linha costeira que dão origem às pequenas baías e enseadas.

A Praia é pequena - são apenas 75 metros de faixa de areia fina e branca, e mais algumas dezenas de metros recoberto de pedras, destino obrigatório para aqueles que gostam de caminhadas, aventuras, privacidade e natureza. As encostas e morros têm cobertura de Mata Atlântica. Em meio a este ecossistema, nascem pequenos rios que desembocam no mar e são as únicas fontes de água disponível na região.

Saquinho

Praia dos Naufragados

Natureza pródiga, com águas límpidas, bravias e frias na maior parte do ano, chega-se por trilha que sai da Caieira da Barra Sul ou por barco. Seu nome tem origem num naufrágio ocorrido em 1753, quando uma galera que levava 250 imigrantes açorianos com destino ao Rio Grande do Sul foi a pique na região e os sobreviventes lá se refugiaram, além de muitos corpos terem sido sucumbidos e enterrados na praia. Episódio triste que marca o povoamento açoriano no sul do Brasil.

A trilha é embelezada por uma vegetação rasteira e árvores com vários tipos de cipó, geralmente muito limpa, possui um grau de dificuldade de médio para alto, bastante concorrida nas várias estações do ano por visitantes e moradores da região.

Um ponto de estaque para se apreciar o visual é o farol inaugurado em 1883, para auxiliar a navegação das embarcações rumo ao Sul. Desta ponta pode ser avistada a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição (1742), construída na Barra da Baía Sul, entre o Pontal de Araçatuba, no município de Palhoça (continente) e a Ponta dos Naufragados, no extremo Sul da Ilha de Santa Catarina. Essa, a última das quatros fortaleza que integram o Sistema de Defensivo da Ilha de Santa Catarina, projetada pelo Brigadeiro José da Silva Paes, na ilha de Araçatuba, logo em frente à Praia dos Naufragados. De difícil acesso, as suas ruínas estão estabilizadas, aguardando restauro. Possui forma circular da muralha da bateria e seu conjunto integra a lista de bens tombados do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1980).

Do farol avista-se os costões de pedra, a Ilha de Araçatuba, Naufragados, as Ilhas Três Irmãs, as Ilhas Moleques do Sul e a Ponta do Papagaio, no município de Palhoça.

Caieira da Barra do Sul

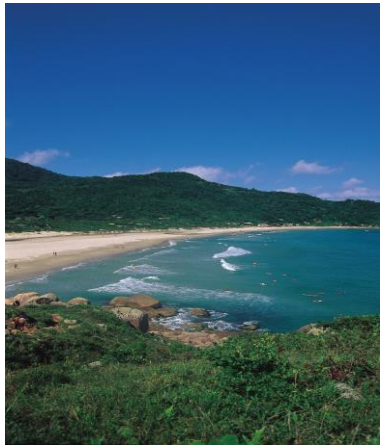
A praia da Caieira apresenta uma areia de cor amarelada coberta de cascalho e se apresenta como um baixio de mar intermediário, bastante procurada para pequenas pescarias. A comunidade é tradicional, de origem agrícola e dos homens do mar.

Conserva a descendência dos povoadores vindo do Arquipélago dos Açores, para Florianópolis em meados do século XVIII. É visível nesta comunidade o legado desses povoadores: cantoria do Terno de Reis e Ratoeira, a oralidade marcada pela literatura popular com suas histórias de bruxa e assombrações, os saberes e fazeres em cestaria de taquara e bambu e cipó, a renda de bilro e mestres nos reparos de embarcações.

As águas dessa praia fazem parte do canal formado pela Ilha de Santa Catarina e o continente, muito próximo naquela região. Já foi importante na pesca e na produção de farinha de mandioca, açúcar e cachaça. Leva o nome de Caieira por também ter produzido cal oriundo da torrefação e moagem de conchas marinhas.

A praia é frequenta geralmente por famílias locais e por aquelas que possuem suas casas de veraneio. É ponto de partida para as pessoas que pretendem fazer a trilha da praia dos Naufragados e, também, das embarcações que levam ao mesmo destino.

Naufragados



Praia e Farol dos Naufragados

Caieira da Barra do Sul

Ribeirão da Ilha

Antiga freguesia povoada inicialmente por 50 casais açorianos a partir de 1750, seu nome tem origem segundo a tradição popular no rio situado em frente à Ilha Dona Francisca. Agrega a paisagem a margem da Rodovia Baldicero Filomeno, nome atribuído no século XX, os engenhos de farinha tradicionais, restaurantes com excelente gastronomia em frutos do mar, placas com quadras da literatura popular, sobre a história do lugar, o Eco-Museu do Ribeirão instalado numa casa de 1921, que recria ambientes do povoamento açoriano, possui um acervo eclético, auditório, pousada, e um engenho típico de farinha, ranchos de canoas, e "estaleiro" de fabricação de baleeiras.

Com todos esses predicados o Ribeirão da Ilha reúne um belo conjunto arquitetônico de casas geminadas, alinhadas, coloridas, no estilo luso brasileiro, que são conservadas por seus moradores, quase todos manezinhos. Numa das pontas da praça retangular está edificada a Igreja em homenagem a Nossa Senhora da Lapa, construída pelos senhores e escravos em 1806, com pedra, cal e azeite de baleia vindo da Armação, cemitério aos fundos e na lateral o Império do Divino Espírito Santo. O conjunto arquitetônico do centro histórico é tombado por Lei Municipal desde 1975, garantindo a preservação as gerações futuras.

A história do Ribeirão não para por aí. É recheada de fatos importantes que a distingue de outras freguesias da Ilha, antes de ser povoada, as primeiras expedições europeias a aportarem na Ilha de Santa Catarina a escolheram como ponto de desembarque por se tratar de uma área protegida de ventos fortes. A visita de D. Pedro II, em 1845, lhes concedeu donativos.

A agricultura firmou-se como a atividade principal dos moradores locais, que plantavam, mandioca, milho, cana-de-açúcar, feijão, café e linho, este servia como matéria-prima para a confecção das redes utilizadas na pesca artesanal. Outra atividade de destaque na comunidade era a caça a baleia.

O Ribeirão da Ilha chegou a ter três portos em pleno funcionamento, principais responsáveis pela comunicação entre o Ribeirão e a vila central, já que a navegação costumava ser mais fácil que o acesso por vias terrestres. Porém, com a inauguração da Ponte Hercílio Luz, em 1926, o transporte terrestre passou a ser mais valorizado em detrimento do transporte marítimo, o que ocasionou o declínio não apenas dos portos existentes no Ribeirão da Ilha, mas também de suas atividades econômicas. Isso fez com que a região entrasse em um verdadeiro período de estagnação. Contudo, a partir da década de 80, um novo impulso ocorreu com a instalação de inúmeros restaurantes, conceituados na área da gastronomia do mar, especialmente, de ostras onde são cultivadas para consumo local e outros estados. Os trapiches ligados aos restaurantes impulsionam a economia local e agregam a paisagem.

Destacam-se as festas religiosas do Divino Espírito Santo e a de Nossa Senhora da Lapa, a Encenação de Cristo, realizado pela comunidade e que arrebanha gente de todo parte e movimenta o turismo local, a produção das rendas de bilro, redes, balaios e construção de canoas e baleeiras e também as apresentações do Boi de Mamão, do Pau de Fita, a tradicional Banda do Ribeirão, uma das mais antigas da Ilha e o carnaval local compõem esse universo histórico-cultural extremamente diversificado e rico.

Ribeirão da Ilha

Renda de Bilro

e

Coleta no cultivo de Ostras

Ribeirão da Ilha

Costeira do Ribeirão

Localizada no sul da Ilha, sua ocupação faz parte da extensão do Ribeirão da Ilha. E seu topônimo deriva da formação da costa. No trajeto vale a pena ficar atento para apreciar um dos mais belos exemplares de arquitetura rural luso brasileira dessa região. A casa térrea, construída numa elevação, possui mais de dois séculos de existência e tornou-se um importante testemunho da atividade rural do imigrante açoriano chegados a Ilha em 1748 a 1756. Seus elementos arquitetônicos se destacam. Apresenta cinco janelas de peitoril, a cimalha, a beira trabalhada e o beiral com telhado em goivas, com acabamento em peito de pomba. No mesmo local um pouco mais afastado à direita encontra-se o engenho de farinha e o de "descascar café". Tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1985. A casa possui uma bela vista para o mar, uma "eira" na frente para secar o café e cereais.

Costeira do Ribeirão

Praia da Tapera

Conhecida pelos moradores mais antigos por Taperinha, seu solo é característico de mangue devido à proximidade com o Rio Basílio. Em português, o termo Tapera, de origem Tupi, significa casa em ruínas ou lugares abandonados, o que a pensar que a região tenha permanecido desabitada por algum tempo, após a extinção dos índios carijós que viviam nesta região.

Em 1960 foi descoberto um sítio arqueológico com 172 sepultamentos (93 adultos e 79 crianças) em cova rasa, acompanhados dos seus adornos de conchas e de dentes de animais. Boa parte das peças ali encontradas estão expostas no Museu do Homem do Sambaqui, no Colégio Catarinense, próximo a Beira Mar Norte, no centro da capital.

A praia da Tapera é procurada por famílias locais, apesar de sua pequena extensão e faixa de areia estreita, grossa e em tom amarelado, repleta de pequenas conchas. As águas são calmas e mornas, transparentes, dependendo do vento e fundo lodoso. Para os que desejam se aventurar, bem próximo ao litoral há duas ilhas: Dona Francisca, também conhecida como Ilha das Flechas, e a Ilha das Laranjeiras.

Tapera

Texto: Ana Lúcia Coutinho
Diagramação e Fotografia: Catarina Maria Rüdiger

Referências

COUTINHO, Ana Lúcia. **Florianópolis Ilha Açoriana**. Fotos Catarina Rüdiger. Florianópolis: Mares do Sul, 1998.
PEREIRA, Nereu do Vale. **Florianópolis das 100 praias.** Fotos Catarina Rüdiger e Carlito Ferreira. Florianópolis: Mares do Sul, 1999.
VEIGA, Eliane Veras (Org.) **Circuito Cultural de Florianópolis**. Florianópolis: IPUF, 2000.
VEIGA, Eliane Veras. **Florianópolis memória urbana**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª ed. 2010.